

Literatura como fonte histórica: vestígios de um Lewis Carroll educador

Literature as a historical source: traces of a Lewis Carroll educator

Rafael Montoito¹  

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul

RESUMO

Este artigo apresenta uma das discussões realizadas durante a Mesa-redonda 2, cuja temática era “Pesquisa da História em Diferentes Fontes”. Nesse, apresenta-se a literatura como fonte histórica, com o objetivo de ampliar a discussão das obras de Lewis Carroll na comunidade acadêmica brasileira e resgatar seu papel enquanto educador (matemático). Utilizando-se do paradigma indiciário e de algumas categorias de análise previamente estabelecidas, toma-se *Alimentar a mente*, um sermão escrito por Lewis Carroll, como fonte a ser estudada, visando responder à seguinte pergunta: A partir de quais vestígios dos textos de Carroll seria possível esboçar seu papel como educador (matemático)? Destacando-se trechos do respectivo sermão, mostra-se como é possível se identificar, neles, conselhos para que o estudante/leitor desenvolva hábitos sadios de estudo e, entrecruzando esses com outros escritos carrollianos que evidenciam críticas ao sistema educacional ou apresentam suas obras matemáticas, é possível se esboçar um panorama inicial de Carroll enquanto educador (matemático).

Palavras-chave: Literatura como fonte histórica; Lewis Carroll; *Alimentar a mente*; Educador.

ABSTRACT

This article presents one of the discussions held during Roundtable 2, whose theme was “History Research in Different Sources”. In it, literature is presented as a historical source, with the aim of broadening the discussion of Lewis Carroll’s works in the Brazilian academic community and rescuing his role as a (mathematical) educator. Using the evidential paradigm and some previously established categories of analysis, *Feeding the mind*, a sermon written by Lewis Carroll, is taken as the source to be studied, with the aim of answering the following question: From what traces of Carroll’s texts would it be possible to outline his role as a (mathematical) educator? By highlighting excerpts from the sermon, it is shown how it is possible to identify in them advice for the student/reader to develop healthy study habits and, by intertwining these with other Carrollian writings that show criticism of the educational system or present his mathematical works, it is possible to sketch an initial panorama of Carroll as a (mathematical) educator.

Keywords: Literature as a historical source; Lewis Carroll; *Feeding the mind*; Educator.

¹ Doutor em Educação para a Ciência (UNESP) e Pós-doutor pelo Department of English Literature (University of Birmingham, Inglaterra). Professor na Coordenadoria de Matemática e no Programa de Pós-graduação em Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Pelotas, RS, Brasil. E-mail: xmontoitto@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O texto aqui apresentado pode ser entendido como a “textualização” da fala que integrou a Mesa-redonda 2 do XVI Seminário Nacional de História da Matemática, a qual ocorreu no dia 15 de abril. Para discutir a temática “Pesquisa da História em Diferentes Fontes”, estavam presentes, à mesa, a Profa. Dra. Ana Carolina Costa Pereira (UECE), a Profa. Dra. Elmha Coelho Martins Moura (UNILA) e eu, Prof. Dr. Rafael Montoito (IFSul), autor deste texto. A professora Carolina apresentou algumas de suas pesquisas sobre instrumentos matemáticos, a professora Elmha abordou questões sobre documentos e monumentos e, a mim, coube trazer elementos que propiciassem reflexões, para os campos da História da Matemática e História da Educação Matemática, sobre a literatura como fonte histórica.

Se esboço a breve descrição deste momento é para avisar ao leitor de algumas particularidades do texto que lerá agora, sobretudo um tom de escrita mais pessoal e menos “técnico” e a adoção da narrativa em primeira pessoa que, a meu ver, são escolhas mais indicadas para se escrever sobre ideias que foram, anteriormente, construídas e articuladas para uma intervenção oral; isso também justificará, penso, a quantidade e o tamanho de alguns extratos trazidos nesta escrita – todavia, tais escolhas não podem ser confundidas com falta de rigor no fazer da pesquisa e na comunicação dos resultados obtidos, ainda que esses sejam parciais até este momento.

Comecei minha fala dizendo que, desde meu mestrado, defendido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em 2007, tenho trabalhado – não exclusiva, mas majoritariamente – com aproximações entre a literatura e a matemática. O catalisador disso foi meu encontro com a obra de Lewis Carroll (1832-1898), célebre escritor inglês, que tem *Alice no País das Maravilhas* como sua obra mais famosa. Para além desse livro, Carroll deixou uma vasta e memorável produção: escreveu outras histórias infantis e poemas, inventou diversos desafios (lógicos, matemáticos e gráficos), dedicou-se à fotografia, era diácono e escreveu vários panfletos, livretos e até mesmo obras mais volumosas sobre conteúdos de matemática, tendo se dedicado mais arduamente à lógica simbólica e à geometria euclidiana. Não é por acaso, portanto, que seu trabalho e suas vivências como professor de matemática na Christ Church, *college* da Universidade de Oxford (Inglaterra), tenha “contaminado” suas produções não-matemáticas com elementos que podem ser lidos e compreendidos como fazendo alusão aos conteúdos dessa disciplina. Sobretudo o raciocínio lógico, no sentido da construção do pensamento na forma de encadeamentos lógicos, foi assunto bastante estimulado e tratado por ele, a partir da construção de narrativas repletas de humor e nonsense – daí eu ter apontado, em estudos anteriores, que suas obras literárias são embasadas numa “lógica do nonsense” (Montoito, 2019) que não esfacela a lógica formal, mas amplia seus modos de pensar para o universo da fantasia.

Não tenho condições de afirmar, dada a vasta e diversificada produção de Carroll e as muitas camadas interpretativas que cada uma pode suscitar a um pesquisador, que esgotei o estudo de suas obras, sob o ponto de vista das pesquisas no campo da História da Matemática ou da História da Educação Matemática. Por outro lado posso, sem receio algum, dizer que já produzi uma quantidade interessante de estudos e artigos que consideraram produções literárias carrollianas como fontes históricas e que, nesses, construí argumentos por meio de uma escrita de oscilação pendular: tanto a obra literária, ao ser analisada, me permite pensar a literatura como um fonte histórica, quanto partir do estudo de diversos autores (Calvino, 2006; Ferreira, 2017; Neves, 2004), que reconhecem a literatura como uma fonte história, me baliza para estudar as obras de Carroll.

Em síntese, o que apresentei no começo da minha fala – uma fala pensada considerando que era provável ter na plateia pessoas que já tivessem lido trabalhos anteriores meus ou me visto apresentar algumas pesquisas feitas sobre as obras de Carroll em outros eventos – foi a intenção de *não* fazer uma defesa sobre a literatura como fonte histórica, por entender que este ponto, se ainda não é passivo para todos, ao menos já foi amplamente abordado por mim em momentos anteriores (Minks; Montoito, 2018; Minks; Montoito; Peraça, 2019), inclusive com o minicurso *Aproximações entre Matemática, Literatura e História: reflexões sobre o ensino e a pesquisa* (Montoito; Dalcin; Rios, 2021), ministrado no SNHM de 2021.

Minha fala, por conseguinte, que fora elaborada considerando a temática “literatura como fonte histórica”, partia da premissa de apresentar uma pesquisa nova, inédita, ainda que com resultados, até o momento, tímidos e parciais. Com o objetivo principal de *ampliar a discussão das obras carrollianas na comunidade acadêmica brasileira e resgatar seu papel enquanto educador (matemático)*, a pesquisa se propunha a responder a seguinte questão: *A partir de quais vestígios dos textos de Carroll seria possível esboçar seu papel como educador (matemático)?* Como objeto de análise, a pesquisa considerou um de seus panfletos, publicado no Brasil no livro *Alimentar a Mente e Outros Textos de Lewis Carroll (tradução)*, por mim organizado em 2021, cuja apresentação será feita na seção seguinte.

Penso ser relevante destacar que o exercício de pesquisa que aqui será apresentado pode ser – obviamente, considerando-se variações e adaptações – realizado com outros autores e outras obras literárias, quando o pesquisador assumir essas como fontes históricas. Essa não é uma prerrogativa ou exclusividade de Carroll, e prova disso que é que tenho, individualmente ou com outros colegas de trabalho, desenvolvidos pesquisas semelhantes que investigam diferentes obras, tais como a peça *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare² e os poemas de Fernando Pessoa (Montoito, 2025).

O LIVRO *ALIMENTAR A MENTE* – UMA APRESENTAÇÃO

Como anunciei antes, o objetivo principal da minha fala era, fazendo uso da literatura como fonte histórica, ampliar a discussão das obras carrollianas na comunidade acadêmica brasileira e resgatar seu papel enquanto educador (matemático). Este objetivo volta e meia permeia alguns movimentos meus enquanto orientador e pesquisador, e sinto que nele avanço, às vezes mais às vezes menos, realizando atividades distintas. Uma destas atividades foi a organização que fiz, em 2021, do livro *Alimentar a Mente e Outros Textos de Lewis Carroll (tradução)* (Carroll, 2021), o qual veio a ser publicado pela Editora IFSul.

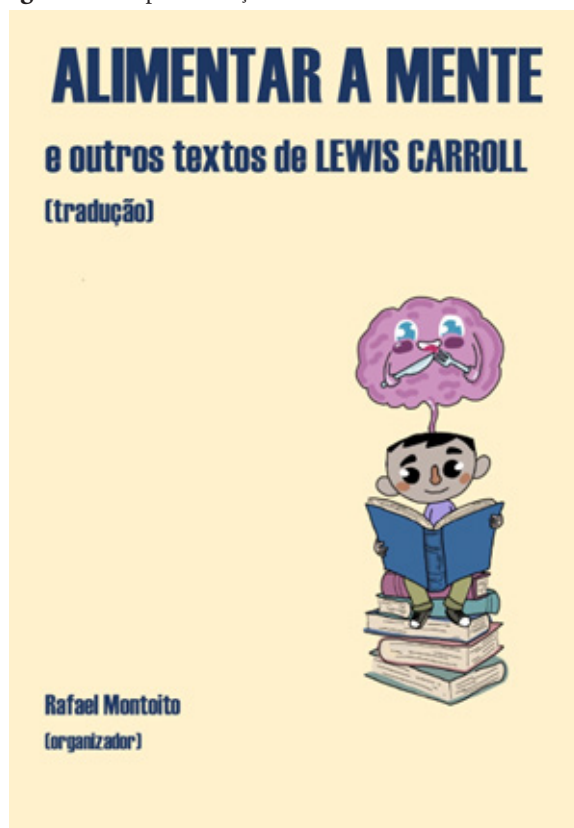
Este livro reúne oito textos diversos de Carroll, traduzidos pela primeira vez para a língua portuguesa. O material inédito, que mescla panfletos satírico-científicos, desafios lógicos, contos e sermões religiosos – alguns textos misturam mais de um desses estilos – foi selecionado e traduzido por seis professores/pesquisadores brasileiros. A proposta desta edição não era apresentar estudos referentes a estes textos, e sim disponibilizá-los para os leitores e estudiosos brasileiros. Deste modo, considerando-se uma Topologia da Tradução³ (Montoito; Dalcin, 2022), a cada texto foram acres-

² Este artigo, escrito por mim e pela Profa. Dra. Circe Mary Silva da Silva Dynnikov, encontra-se, até o momento, em com a avaliação pendente num periódico da área de Educação Matemática.

³ Esta metáfora da topologia foi, por Montoito e Dalcin (2022), transformada em conceito. Os pesquisadores nomeiam “Topologia da Tradução” o ato tradutório de textos de interesse do campo da Educação Matemática, cuja tradução é realizada com extremo cuidado aos aspectos matemáticos presentes no texto original. Em seu artigo, os autores investigam potencialidades e limites da Topologia da Tradução tomando, como objeto de estudo, dois escritos carrollianos: o longo poema nonsense *A Caça ao Turpente* e o romance *Sylvie and Bruno* (que só teve algumas partes traduzidas para a língua portuguesa).

cidas uma curta apresentação e notas de rodapé que os tradutores julgaram indispensáveis para explicar algum termo ou contexto atinente à escrita. A edição, que foi organizada por mim como uma celebração ao tempo que eu já dedicava aos estudos carrollianos – 15 anos, do começo do meu mestrado até 2021 – tem sua capa reproduzida na Figura 1.

Figura 1 – Capa da edição brasileira de *Alimentar a mente*



Fonte: Coleção particular do autor

No Quadro 1, a seguir, organizei uma síntese do livro, trazendo informações relevantes sobre cada “capítulo”. O livro foi publicado em PDF e está disponível para download gratuito no site da Editora IFSul⁴.

Quadro 1 – Obras de Carroll contidas em *Alimentar a mente*

Texto de apresentação Autor e Tradutor (Instituição)	Texto carrolliano	Tipo de texto e Ano da publicação
Processos fotográficos do século XIX <i>Adriel Oliveira (UFRN)</i>	Dia de folga de um fotógrafo	Conto 1860
Sobre eleições e Euclides <i>Rafael Montoito (IFSul)</i>	A dinâmica da partícula	Panfleto 1865
Servir-se da lógica em qualquer assunto <i>Roger Minks; Rafael Montoito (IFSul)</i>	Algumas falácias populares sobre vivissecção	Panfleto 1875
Prefácio/Posfácio do tradutor <i>John Lennon Lindemann</i>	Parelhas: um desafio lógico com palavras	Jogo 1879

⁴ <http://omp.ifsul.edu.br/index.php/portaleditoraifsul/catalog/book/242>

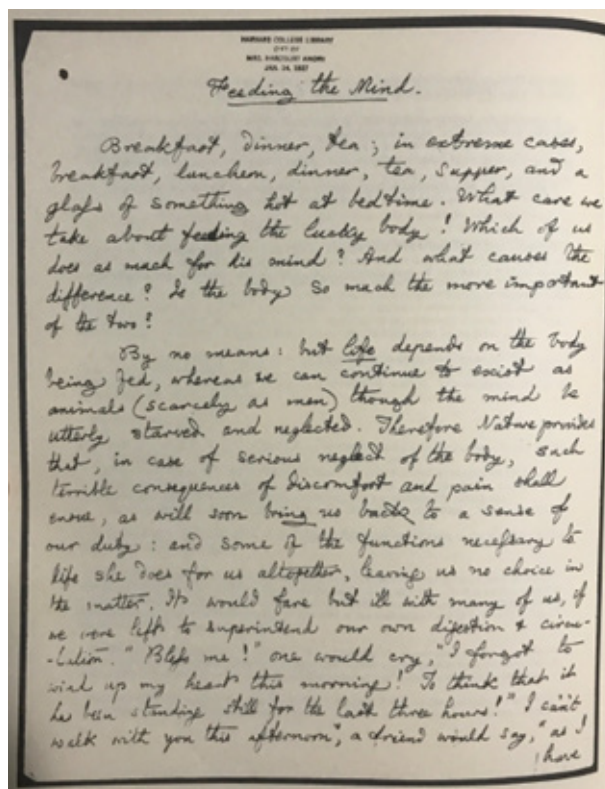
Como estudar eficazmente: dicas carrollianas / <i>Rafael Montoito (IFSul)</i>	Alimentar a mente	Sermão 1884
A história e a atualidade de um paradoxo lógico / <i>John Lennon Lindemann</i>	Um paradoxo lógico	Conto 1894
O paradoxo da inferência <i>Alexandre N. Machado (UFPR)</i>	O que o jabuti disse a Aquiles	Conto 1895
Introdução à "Punição eterna" <i>Frank Sautter (UFMS)</i>	Punição eterna	Sermão circa 1895

Fonte: Elaboração pelo autor

Observando-se o Quadro 1, o leitor poderá perceber que quase todos os pesquisadores/tradutores envolvidos neste projeto são professores universitários, à exceção de *John Lennon Lindemann*, que se titulou Doutor em Filosofia (UFMS) com uma tese sobre a lógica de Lewis Carroll, e *Roger Minks*, à época bolsista de projetos de iniciação científica (IFSul) que, por alguns anos consecutivos, dedicou-se ao estudo do panfleto *Algumas falácias populares sobre vivissecação*. O livro também apresenta o prefácio *Lewis Carroll: um breve (auto)retrato*, escrito pela professora Andréia Dalcin (UFRGS), e a apresentação *Ainda na toca do coelho: uma apresentação*, escrita por mim.

Destaco, para o leitor um pouco desatento, que o título do livro foi inspirado em um dos textos que ele contém, o sermão *Alimentar a mente*. Na Figura 2, trago a reprodução de uma página dele, a fim de mostrar para o leitor uma parte do texto que foi traduzido. A reprodução trata-se de uma edição comemorativa, organizada por Goodacre (1984), que replicava o documento original, escrito por Carroll de próprio punho, e sua respectiva textualização, além de outras informações sobre o local onde o sermão foi lido e de outros textos curtos do autor.

Figura 2 – Extrato de *Alimentar a mente* (Carroll, 1884), em seu idioma original



Fonte: Goodacre (1984)

O sermão *Alimentar a mente* foi proferido por Carroll, em 22 de setembro de 1884, a uma pequena assembleia organizada por W. H. Draper, Vicário de Alfreton, em Derbyshire (Inglaterra), a quem Carroll fora visitar. Após o sermão, Carroll presenteou-o com suas notas manuscritas – como não fora organizado para virar uma publicação, aconteceu de ele só ser editado e posto à venda após a morte de seu autor.

O sermão é todo construído a partir da ideia de que é possível se alimentar, de forma sadia, a mente, tal qual se busca uma alimentação sadia para o corpo. Conjecturo que Carroll inspirou-se em um provérbio até hoje bastante conhecido – *Mens sana in corpore sano* (“mente sã em corpo são”), citação latina oriunda da *Sátira X* do poeta romano Juvenal. Ainda que não tenha, até este momento, encontrado anotações de Carroll em seus diários sobre esta “inspiração”, ela me parece possível porque sei que ele conhecia as obras do renomado poeta, seja porque tinha um bom conhecimento dos clássicos (Cohen, 1998) quanto porque, em outras de suas obras – por exemplo *Euclides e seus rivais modernos* –, utiliza trechos de Juvenal como citações.

É de *Alimentar a mente* que trarei alguns extratos para analisar e tentar, assim, responder à questão *A partir de quais vestígios dos textos de Carroll seria possível esboçar seu papel como educador (matemático)?*

O PANFLETO *ALIMENTAR A MENTE* – ALGUNS EXTRATOS E ANÁLISES

Antes de trazer elementos para elaborar esta análise, me sinto compelido a pontuar algumas questões: olhando em retrospecto, percebo que a construção da minha tese foi feita a partir da ideia de que a literatura é uma fonte histórica, embora à época eu ainda não estivesse tão fortemente apropriado destas discussões. Além da tradução comentada de um livro de Carroll inédito à época, a tese apresenta dois capítulos que tecem estudos sobre tal obra e tentam entender quais eram as intenções e motivações de Carroll ao escrever a obra *Euclides e seus rivais modernos*, num período em que discussões acaloradas dividiam a sociedade acadêmica entre aqueles que defendiam o abandono de Euclides e a elaboração de novos manuais “modernos” para o ensino da geometria nas escolas e universidades inglesas, e os que eram a favor de sua manutenção.

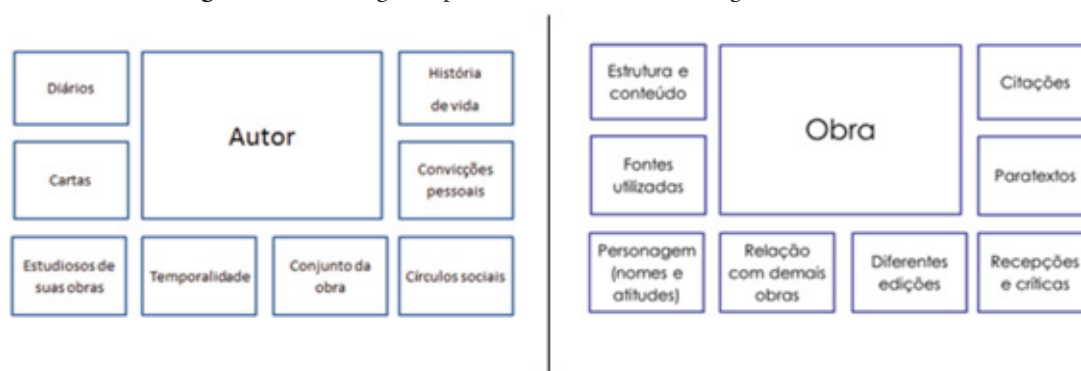
Neste estudo, em que considereirei tanto aspectos próprios do livro (estrutura de escrita na forma de uma peça de teatro, epígrafes para os capítulos, citações de provérbios ou de autores reconhecidos que entram na narrativa etc.) quanto sua existência no mundo (relação com demais obras do autor, quantidade de edições, circulação, críticas em periódicos etc.), estava dando os primeiros passos que, futuramente, me ajudariam a pensar modos mais sistemáticos/metodológicos de se aproximar de uma obra literária como fonte para pesquisas em História da Matemática e em História da Educação Matemática. Dizendo de outro modo, muitos dos movimentos de pesquisa que empreendi na realização da tese foram instintivos, porém ajudaram-me a pensar uma abordagem melhor estruturada para trabalhos futuros, a qual foi lapidada em estudos, conversas e teorizações posteriores com outros alunos e colegas pesquisadores. O arcabouço construído até aqui ajuda-me a, hoje, não precisar recomeçar do zero quando leio o panfleto *Alimentar a mente*.

Sendo assim, tomo como pontos de partida, quando na atualidade me debruço sobre uma literatura como fonte histórica, dois balizadores: o paradigma indiciário, de Ginzburg (1989), e as categorias de análise criadas por Montoito, Dalcin e Rios (2021).

Ginzburg (1989) comenta a centralidade do paradigma indiciário ao descrever o pesquisador como alguém que encontra e agrupa uma coleção de indícios – de pistas –; um indício leva a outro e, após achar uma variedade deles, o pesquisador, ao colocá-los um em proximidade do outro, se vê apto a produzir uma explicação crível para o fato investigado. Tal processo investigativo é comparado à tecitura de um tapete: “Poderíamos comparar os fios que compõem esta pesquisa aos fios de um tapete. Chegados a este ponto, vemo-los a compor-se numa trama densa e homogênea. A coerência do desenho é verificável percorrendo o tapete com os olhos em várias direções” (Ginzburg, 1989, p. 170).

Esta metáfora com os fios do tapete me agrada sobremaneira, e me parece muito clara. Entretanto, há vezes em que penso em “desfiar o tapete”, puxar fio a fio para ir, numa metáfora equivalente, ver o que ele, separado do restante do desenho, vai me mostrando: com relação às suas cores, textura, material etc. E é neste ponto que retorno às categorias que sinalizei anteriormente, como se cada uma delas fosse um fio – ou um conjunto de fios – que eu posso “arrancar” do tapete e estudar, tanto tomando-o individualmente quanto aproximado de seu conjunto.

Figura 3 – Subcategorias para a análise das macrocategorias *Autor* e *Obra*



Fonte: Montoito, Dalcin e Rios (2021, p. 24; 38)

Ao apresentarem e comentarem as macrocategorias *Autor* e *Obra* e suas subcategorias, os pesquisadores deixam claro que não se deve esperar que qualquer literatura apresente evidências que possibilite a análise de todas elas; outrossim, ressaltam que elas não são disjuntas, e que indícios podem ser encontrados no entrecruzamento delas (por exemplo, as *cartas* do autor podem revelar por que ele decidiu escrever sua obra com determinada *estrutura* narrativa, ao invés de outra).

Apropriado deste olhar teórico, que converge na direção dos demais pesquisadores que validam a literatura como fonte histórica, e apoiado no paradigma indiciário e em algumas das categorias da Figura 3, trago, a seguir, uma pequena coleção de extratos do panfleto *Alimentar a mente*. Minha opção em trazê-los numa forma expandida – ou seja, não os reduzindo ou editando como se fossem citações – foi pensada para representar os momentos de leitura dos trechos, feitos durante a exposição da minha fala, e também para propiciar ao leitor uma aproximação, ainda que sutil, à literatura carrolliana. Nos extratos, as palavras e expressões que aparecem em *itálico* estão tal qual aparecem no texto original; já o que aparecer sublinhado o está por minha interferência, destacando partes do texto que me auxiliarão a efetuar os comentários subsequentes.

Extrato 1

Café da manhã, almoço, chá; em alguns casos extremos, café da manhã, lanche, almoço, chá, jantar e um copo com algo quentinho na hora de ir deitar. Quantos cuidados tomamos para alimentar nosso corpo! Quem de nós faz tanto assim por sua mente? E qual é a diferença? É o corpo o mais importante dentre os dois?

Fonte: Carroll (2021, p. 95)

Extrato 2

Primeira: devemos nos empenhar para providenciar o tipo adequado de comida para a mente. Desde cedo aprendemos qual será, e qual não será, boa para o corpo, e temos pouca dificuldade em recusar um pedaço tentador de pudim ou torta que está associado, em nossa memória, àquele terrível ataque de indigestão, cujo nome forçosamente evoca o ruibarbo e a magnésia; não obstante, são necessárias muitas lições para nos convenceremos do quão indigestas são algumas de nossas leituras, e repetidamente nos alimentamos de romances prejudiciais à nossa saúde, a que seguramente se seguirão desânimo, indisposição para trabalhar, fadiga existencial – na verdade, um pesadelo mental.

Fonte: Carroll (2021, p. 96-97)

Extrato 3

Depois, precisamos ser cuidadosos para providenciar quantidades adequadas do alimento saudável. Glotonaria mental, ou ler em demasia, é uma propensão perigosa que conduz à fraqueza da capacidade digestiva e, em alguns casos, à perda de apetite.

Fonte: Carroll (2021, p. 97)

Extrato 4

Ainda, mesmo a comida sendo saudável e em quantidade adequada, sabemos que não devemos consumir muitos tipos diversos de uma só vez. Dê ao sedento um quarto de cerveja, ou um quarto de cidra, ou um quarto de chá gelado, e ele provavelmente lhe agradecerá (embora não tão animadamente, no último caso!). Todavia, quais você pensa que seriam seus sentimentos se lhe oferecesse uma bandeja com uma pequena caneca de cerveja, uma pequena caneca de cidra, outra de chá gelado, uma de chá quente, uma de café, uma de chocolate quente, e os correspondentes copos de leite, água, conhaque com água, e leiteinho? A quantidade total poderia ser a de um quarto, mas o resultado seria o mesmo para o fazendeiro?

Fonte: Carroll (2021, p. 98-99)

Extrato 5

Tendo estabelecido o tipo adequado, bem como a quantidade e a variedade de nossa alimentação mental, devemos ter o cuidado de fazer intervalos adequados entre as refeições, e não engolir a comida apressadamente sem mastigá-la, para que seja completamente digerida; essas duas regras corporais são igualmente aplicáveis à mente.

Primeiro, com relação aos intervalos: esses são tão necessários à mente quanto o são para o corpo, com a diferença que, enquanto o corpo requer três ou quatro horas de repouso para se preparar para outra refeição, a mente, muitas vezes, necessita de três ou quatro minutos. Acredito que este intervalo requerido é bem menor que o usualmente suposto e, pela minha experiência pessoal, recomendaria, àquele que precisa dedicar várias horas consecutivas a um tópico, que provasse o efeito desta pausa; digamos que, a cada hora, parasse por cinco minutos, mas tendo o cuidado de deixar a mente absolutamente ‘fora de controle’ por estes cinco minutos, e voltá-la inteiramente a outros assuntos. É espantosa a quantidade de ímpeto e elasticidade que a mente recupera durante tais pequenos períodos de repouso.

Fonte: Carroll (2021, p. 99)

Extrato 6

E então, o processo mental correspondente à mastigação do alimento é o simples pensar sobre o que lemos. Este é um esforço muito maior para a mente do que a tomada mera e passiva de conteúdos do nosso Autor. [...] Uma hora de constante pensamento sobre um assunto (uma caminhada solitária é uma oportunidade tão boa para o processo quanto qualquer outra) equivale a duas ou três de apenas leitura. E consideremos outro efeito desta digestão completa dos livros que lemos: refiro-me à organização e ‘etiquetagem’, por assim dizer, dos assuntos em nossas mentes, a partir de que estamos prontos a nos referirmos a eles quando necessitamos.

Fonte: Carroll (2021, p. 99-100)

Extrato 7

Para averiguar a salubridade do apetite mental de alguém, coloque em suas mãos um tratado curto e bem escrito, mas não empolgante, sobre algum assunto popular – um pão mental, na verdade. Se for lido com ardente interesse e profunda atenção, e se o leitor conseguir responder questões sobre o tópico mais tarde, a mente está em bom estado de funcionamento. Se polidamente o deixa de lado [...] você pode ter certeza que há algo errado com sua digestão mental.

Fonte: Carroll (2021, p. 103)

Parece-me claro que, em cada trecho que selecionei, Carroll se utiliza de metáforas alimentares para aconselhar o leitor a organizar sua rotina de estudos. Primeiramente (Extrato 1), começa com uma indagação provocativa para que o leitor pense se, de fato, está fazendo tanto assim por sua mente, ou seja, investindo nela, no sentido de construir um arcabouço com informações válidas e úteis, ou se tem se dedicado apenas a bobagens.

Em seguida, Carroll pontua (Extrato 2) que, para alimentar-se bem, é preciso que se providencie o tipo adequado de comida, bem como quantidades adequadas do alimento saudável (Extrato 3). Aqui há dois pontos claros que podemos pensar sobre o hábito de estudar: saber selecionar bons materiais e referenciais, e não em uma quantidade tão volumosa que não se consiga dar conta, pois não é indicado que se leve a mente à exaustão.

Mas apenas esses cuidados não bastam: não devemos consumir muitos tipos diversos de uma só vez (Extrato 4). Tal anotação me faz pensar na postura multitarefas que temos desenvolvido atualmente, devido à captação do tempo pela produtividade incrementada pelo neoliberalismo (Han, 2017), que conduz ao cansaço. Carroll está sinalizando que o estudo deve ser feito em “blocos”, que algo deve ser acabado antes que outro seja começado; e, mesmo que o foco seja dado a um único conteúdo ou tarefa, deve-se ter o cuidado de fazer intervalos adequados (Extrato 5) nos momentos de estudo, sobretudo quando se “trava” em algum ponto – relaxar a mente com uma caminhada, por exemplo, como o autor sugere, pode ser extremamente benéfico.

Por fim, selecionar o material adequado e em doses corretas, não misturar conteúdos e fazer pausas durante o estudo são atitudes ineficientes se a esses hábitos não se juntar a atitude de pensar sobre o que lemos, o que pode compreender atividades de organização e ‘etiquetagem’ (Extrato 6). Este é o momento da “digestão” na alegoria carrolliana, isto é, o momento da reflexão, da síntese, de se construir o conhecimento novo a partir do que foi “ingerido”.

Acabado este processo, é possível saber se o leitor/estudante se apropriou do novo conhecimento se ele conseguir responder questões sobre o tópico mais tarde (Extrato 7), quando lhe forem feitas perguntas sobre o tema, ao invés de divagar e mudar de assunto.

Nesses e em outros trechos, o sermão de Carroll não traz elementos que possibilitem associá-lo diretamente ao ensino de tal ou tal disciplina, de tal ou tal conteúdo. Todavia, fica claro que o texto é sobre *instrução*, sobre como estudar e aprender melhor qualquer tópico – o que, dada a prolífera produção de Carroll, pode compreender desde assuntos teológicos até científicos. *Alimentar a mente*, portanto, traz alguns indícios de um Carroll educador, que elaborou suas próprias estratégias de estudo e aprendizagem e as compartilha com seu leitor.

Creio que seja adequado, após os extratos e estes breves comentários por mim esboçados, organizar uma síntese dos conselhos que emergem do texto de Carroll para o leitor/estudante:

- Escolher boas referências;

- Estudar a “quantidade” adequada, sem exageros;
- Estudar um assunto por vez;
- Fazer intervalos adequados;
- Pensar sobre o que se está estudando;
- Separar e classificar as informações.

E agora retorno às categorias da Figura 3 porque, como comentei anteriormente, olhar tão somente uma produção textual do Carroll, sem colocá-la em diálogo com outras obras suas, me possibilitaria traçar um esboço deste “Carroll educador”, a quem procuro, um tanto quanto frágil. Também considerando o já referido paradigma indiciário, preciso encontrar outros indícios que, juntos com estes extratos, deem mais robustez às minhas interpretações desta fonte literária.

Debruçando-me sobre outros livros de Carroll, encontro outros trechos que fazem alusão aos processos de ensinar e de aprender. Há uma quantidade considerável deles, sobretudo se olho para suas cartas e diários, mas optei por trazer extratos de outros livros seus, os quais estão postos a seguir.

Extrato 8

[o ensino é uma aula de] “de culinária na qual a mente humana é uma salsicha, e tudo o que nos perguntamos é quanto recheio indigesto pode ser enfiado nela” (*Sylvie and Bruno Concluded*, tradução minha).

Fonte: Carroll (2005, p. 206)

Extrato 9

Eu reivindico, para a lógica simbólica, um lugar muito alto entre recreações que têm a natureza de jogos e quebra-cabeças [...]. O lógico abalizado [é] detentor de um “Abre-te, Sésamo!” que lhe dá acesso inesgotável e polivalente a uma caverna de tesouros. (*Symbolic Logic*, tradução minha).

Fonte: Carroll (1977, p. 45-46)

Extrato 10

Admito que ensinar Euclides exige paciência para ambos, tutor e aluno; mas posso afirmar que conheci muitos professores que têm se saído admiravelmente bem, e têm enviado à Universidade um grande número de alunos bastante hábeis em fazer deduções e outros exercícios; nunca conheci um professor realmente capaz e zeloso que tenha fracassado (*Euclides e seus rivais modernos*).

Fonte: Carroll (2014, p. 255)

Há algumas particularidades sobre os livros dos quais foram extraídas as passagens 8, 9 e 10. O primeiro, *Sylvie and Bruno Concluded*, foi publicado originalmente em 1893 e permanece sem tradução completa para a língua portuguesa. Este livro conta uma história que se passa em dois mundos paralelos, que volta e meia se entrecruzam: a Inglaterra da época de Carroll e um reino da fantasia, sendo que é nesse último que habitam os irmãos Sílvia e Bruno. Em alguns capítulos, os irmãos têm aulas com um preceptor, e é conversando sobre aulas que ele enuncia a fala que aqui trouxe, visivelmente uma crítica de Carroll ao sistema de ensino – não podemos esquecer que ele também atuava como professor.

O segundo livro, também sem tradução para a língua portuguesa até hoje, é o *Symbolic logic*⁵, a obra carrolliana mais ambiciosa, falando do ponto de vista acadêmico, e inconclusa. Carroll de-

⁵ Carroll pretendia escrever *Symbolic Logic* em três volumes, todavia só concluiu em vida o primeiro volume (*Elementary*). As anotações que dariam origem ao segundo volume (*Advanced*) foram organizadas e, reunidas com o material do primeiro, foram

fendia que aprender lógica seria, para além das formalidades da disciplina, uma ferramenta que ajudaria o indivíduo a identificar e não ser refém de falácias do cotidiano, como as que aparecem em reportagens de jornais ou enunciados científicos. Ele dedicou algum tempo de sua vida na elaboração de *The game of logic*, o qual foi publicado em 1885, que é um livro-jogo criado para ensinar lógica silogística, a fim de que o jogador conseguisse ter acesso a essa “caverna de tesouros” do pensamento bem estruturado.

Já *Euclides e seus rivais modernos*, disponível em língua portuguesa porque sua tradução compôs a elaboração da minha tese, é uma obra escrita na forma de uma peça de teatro, em que um professor analisa diversos manuais que surgiam à época de Carroll e que desejavam substituir *Elementos* de Euclides como livro-texto nas escolas e universidades. Carroll, um euclidiano convicto, que tantos outros panfletos e tratados já havia escrito sobre a obra de Euclides, defendeu seu livro veementemente, apontando que todos os candidatos a suplantá-lo apresentavam erros nas demonstrações ou na ordem de apresentação do conteúdo. Embasado em sua prática, Carroll não achava necessário que o ensino de geometria fosse “reinventado”, mas sim que tutor e estudante tivessem paciência para avançar no estudo de Euclides.

Os dez extratos que trouxe neste texto me dão indícios para começar a construir a imagem de Carroll – para além de literato, fotógrafo, diácono etc. – como educador. Isso para mim não é um ponto óbvio, não posso tomar como posto de antemão apenas por saber que ele foi professor. Não cabe aqui esta discussão, mas imagino que os leitores compreendam que há algumas sutilezas que diferenciam os vocábulos “professor” e “educador”, ainda que, por vezes, possa um estar contido no outro, ou até mesmo serem sinônimos.

Vejo Carroll como educador quando encontro vestígios de suas preocupações para ajudar os estudantes a aprenderem melhor, quando reconhece e critica falhas no sistema educacional, quando escreve obras que visam ensinar melhor determinado conteúdo. E o vejo como educador matemático em função destas mesmas obras, que se preocupam em divulgar conteúdos matemáticos, ensiná-los com nova roupagem e, até mesmo, estimular o estudante para que entenda a importância do estudo e perca o medo do conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de já ter me debruçado sobre diversas obras de Carroll e as estudado considerando-as como objetos de pesquisa para a História da Matemática e História da Educação Matemática, esta apresentação surge de uma abordagem nova: a identificação/reconstrução – se possível – da identidade de Carroll enquanto educador (matemático). E se escrevo “matemático” assim, entre parênteses, é porque vislumbro a possibilidade de encontrar indícios que o apontem como educador, no geral, e para a matemática, de modo particular, uma vez que lecionava disciplinas dessa área.

A literatura que ele produziu, tomada como fonte histórica, me traz alguns indícios de que é possível seguir a pesquisa neste caminho. Falta-me, contudo, examinar melhor suas obras, entrecruzando-as com diversas outras fontes.

publicadas postumamente, acrescidas de anotações e introdução elaboradas pelo lógico William Warren Bartley III, em 1986. Com relação às anotações que originariam o terceiro volume, Cohen (1998) relata que foram postas fora pelos familiares de Carroll, em meio a outros papéis, depois da morte do autor.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Italo. **Assunto encerrado**: discursos sobre literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CARROLL, Lewis. **Euclides e seus rivais modernos**. São Paulo: Livraria da Física, 2014.
- CARROLL, Lewis. **Symbolic Logic**. Nova Iorque: Clarkson N. Potter Inc. Publishers, 1977.
- CARROLL, Lewis. **The complete stories and poems of Lewis Carroll**. New Lanark: Geddes & Grosset, 2005.
- COHEN, Morton N. **Lewis Carroll**: uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 61-91.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOODACRE, Selwyn H. **Feeding the mind**: a centenary celebration of Lewis Carroll's visit to Alfreton in 1884. Burton upon Trent: Parker & Son, 1984.
- HAN, Byun-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MINKS, Roger; MONTOITO, Rafael. Edwin A. Abbott e sua obra *Planolândia*: a atualidade social de um universo matemático-literário. In: Encontro Luso-brasileiro de História da Matemática, 8, 2018, Foz do Iguaçu. **Anais [...]**. Foz do Iguaçu: Unioeste, 2021, p. 185-200.
- MINKS, Roger; MONTOITO, Rafael; PERAÇA, Graça. Literatura como fonte histórica: as escolas de Planolândia e o ensino de geometria na Inglaterra vitoriana. In: Seminário Nacional de História da Matemática, 13, 2019, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: SBHMat, 2019, p. 1465-1475.
- MONTOITO, Rafael. **Lógica e nonsense nas obras de Lewis Carroll**: silogismos e tontogismos como exercícios para o pensamento. Pelotas: Editora IFSul, 2019.
- MONTOITO, Rafael. Poemas como cuidado de si: Fernando Pessoa e a matemática. In: Encontro Luso-brasileiro de História da Matemática, 9, 2022. **Anais [...]**. [no prelo.]
- MONTOITO, Rafael; DALCIN, Andréia; RIOS, Diogo Franco. **Aproximações entre Matemática, Literatura e História**: reflexões sobre o ensino e a pesquisa. São Paulo: Livraria da Física, 2021.
- MONTOITO, Rafael; DALCIN, Andréia. Quase a mesma coisa: pensando uma topologia da tradução e/em pesquisas em educação matemática à luz de Wittgenstein. **Educação Matemática Pesquisa**, v. 24, n. 2, p. 180-218, 2022. <https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/57259>
- NEVES, Margarida de Souza. Literatura: prelúdio e fuga do real. **Tempo**, v. 17, p. 79-104, 2004. <https://www2.historia.uff.br/tempo/wp-content/uploads/2024/11/artg17-5.pdf>